

Sapo de Fora



Eliana — apresentadora

Por Cid Torquato

em que não acredite, como, recentemente, em um comercial para a Monange, no qual me senti útil por estar anunciando um produto bom, barato e acessível a uma grande camada da população. Fico orgulhosa de poder participar de campanhas beneficentes, onde minha imagem de apresentadora se une à de comunicadora e consegue atingir importantes resultados.

RC — Do que gosta na publicidade atual?

Eliana — Dessa campanha do DDD, com os três gordinhos, lindos. Tem um lado ingênuo, doce, tem informação, tem humor, alegria, e com certeza está funcionando. Gosto, como toda menina, daquele comercial do primeiro sutiã, que é fantástico por sua sutileza em mostrar um aspecto importante da vida de uma adolescente. Tive o orgulho de "participar" dessa campanha, quando, mocinha, coloquei o primeiro sutiã. Gosto dessa coisa de não só vender o produto, mas também passar uma mensagem ou uma emoção.

RC — Do que não gosta?

Eliana — Não gostei de uma campanha recente com duas mulheres se beijando na boca. Pra quê? Não gosto das campanhas de uma marca de lingerie, que me chocam. Acho que é exatamente este o intuito deles, mas para mim não vende. É tudo muito gratuito e sem sentido. Ao invés de aproximarem o público, o afastam.

RC — O que acha do uso de depoimentos de artistas para vender de tudo?

Eliana — Temos que tomar muito cuidado com isto, para não desgastarmos a imagem. Não aceito fazer comerciais que não tenham o meu perfil. Além disso, tenho que acreditar no produto, para poder dar credibilidade à minha atuação. Sem estes requisitos, é pura hipocrisia. Não culpo os publicitários e muito menos os

donos dos produtos. Cabe ao artista aceitar o trabalho ou não.

RC — Como vê a publicidade feita para as crianças?

Eliana — A exposição da criança, pela televisão, a coisas não apropriadas é uma discussão seriíssima e não está restrita à publicidade. No meu programa, não permito desenhos agressivos, mas eles são a maioria e estão em todos os canais.

RC — Não existe, hoje em dia, uma exploração da criança pela publicidade, no sentido de que ela é um público muito mais vulnerável do que o adulto e, em certos casos, acaba até determinando hábitos de consumo de sua família?

Eliana — Trabalho em uma televisão comercial, apesar de fazer um trabalho educativo. Somos procurados para fazer merchandising das mais diversas marcas. Minha regra é: falo do produto, mas não peço para comprem, nem para consumirem. Por que isto? Primeiro, nem toda criança vai poder adquiri-lo.

Segundo, não quero

induzir as crianças a comprarem nada, por mais que acredite naquilo que estou apresentando. Me coloco apenas como uma vitrine. Mostro: "Aqui está, este produto existe e estas são algumas de suas qualidades e utilidades". Não aceito usar minha credibilidade para dizer "compre, coma ou peça para a mamãe comprar". É uma questão ética.

RC — As crianças influenciam bastante na escolha de produtos de consumo domésticos, como alimentos e higiene pessoal. Hoje, tudo é da Mônica ou do Power Rangers ou dos Sarunas de

Pijamas, da Xuxa e até da Eliana.

Não acha que existe um volume, digno, desproporcional de artistas que fazem licensing direcionado ao público infantil, comparado com outros mercados?

Eliana — O mercado infantil sempre foi muito forte. Lembra da "Vila Sésamo"? Um programa bárbaro e que já licenciava sua marca.

RC — Mas não tinha um animador que fazia merchandising, por exemplo.

Eliana — Era a proposta comercial da época. Entendo seu ponto. Obviamente, há embutido em certo consumismo. No meu caso tento manter meus princípios. Trabalho com a idéia de que com meu programa e meus produtos estou divertindo e educando as crianças.

RC — O que você diria aos publicitários?

Eliana — Vamos tentar aproveitar este importante meio de comunicação que é a televisão para, além de vender e fazer o ciclo produtivo continuar, possamos deixar mensagens positivas e responsáveis.

RC — Quais são suas técnicas pessoais e profissionais de comunicação?

Eliana — É tudo muito intuitivo, e com muito respeito ao telespectador. Faço o que eu gostaria que estivessem fazendo para o meu filho. Não gosto de estar distante das pessoas, de ser uma superstar. Sou uma pessoa normal, que tem um espaço na televisão.

RC — E dá para ter uma vida normal?

Eliana — Entre aspas, porque sou assediada por onde ando. Mas vou assim mesmo. Esta é a minha vida e a maneira de manter-me o mais normal possível. As pessoas têm vontade de conversar comigo, me conhecer, perguntar coisas, e isso funciona como um termômetro do meu trabalho.



"Gordinhos", da W/Brasil



Seu
fotoarquivo
trata você assim?